

AGRADECIMENTOS

Agradeço, desde logo, ao Prof. Doutor José Eduardo Horta Correia e à Prof.^a Doutora Renata Malcher de Araújo, estimados mentores, pelas suas utilíssimas e sempre estimulantes sugestões, pelas incontáveis horas que investiram em trocas de impressões e, acima de tudo, por toda a dedicação e atenção que dedicaram à orientação deste trabalho.

Ao Pe. Joaquim Correia Ferreira, actual pároco da freguesia da Luz de Tavira, por todas as facilidades concedidas, pela total disponibilidade com que sempre me recebeu e sobretudo por me ter garantido um acesso privilegiado ao interior da igreja e a todo o espólio documental do arquivo paroquial. À Sr.^a Dona Manuela Andrade Martins, responsável pelo dito arquivo, pela simpatia e disponibilidade com que me auxiliou na sua consulta.

A todos os funcionários e técnicos do Arquivo Distrital de Faro, do Arquivo Municipal de Tavira, do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, demais arquivos e bibliotecas consultadas, pela paciência e profissionalismo com que atenderam as minhas insistentes, e por vezes maçadoras, solicitações. Um agradecimento especial a todos aqueles que me antecederam na complexa tarefa de escrever acerca da igreja paroquial da Luz de Tavira, e que espero ter citado com justiça e lealdade.

À minha família, especialmente aos meus pais, pelo seu apoio incondicional e sempre presente. A todos os meus amigos, principalmente àqueles que de muito perto acompanharam a feitura deste trabalho e que em todos os momentos me deram ânimo.

A todos, o meu muito obrigado!

“A igreja está à beira da estrada, aparece de repente em ar de feliz surpresa, e este adjectivo veio bem a propósito: protegida de construções próximas, de fácil circulação exterior, com distância de olhar folgadoamente, e ainda por cima de uma pureza de estilo pouco vulgar, sublinhado pelo hábil uso da cor, a Igreja da Luz de Tavira é, realmente, uma igreja feliz. Lá por dentro, com as suas amplas naves de altas colunas, cobertas de abóbadas, o excelente retábulo seiscentista da capela-mor, as três pias de água benta, a primeira impressão prolonga-se: quem de Tavira vier frustrado, vá à Luz, talvez encontre a porta aberta. E se estiver fechada dê-se por satisfeito com as vistas de fora: é compensação suficiente.

José Saramago, Viagem a Portugal, 1985”